

A construção do sertão de Padre Cícero a partir de um discurso urbano-moderno¹

Harley Abrantes Moreira

Professor efetivo da Universidade Estadual de Pernambuco – Campus Petrolina

Mestre em História pela UFRN

harleyabrantes@hotmail.com

RESUMO: Este texto tenta discutir o discurso urbano, moderno e intelectual, através de um livro de Lourenço Filho, escrito no início do século XX, dirigido a um “outro” geográfico e anti-moderno: o sertão do estado do Ceará, representado aqui pelo fenômeno místico, social e religioso que ali se desenvolveu em torno do povoado de Juazeiro e da personalidade de Padre Cícero. Desse modo, pode-se afirmar como problema central do artigo a questão das alteridades, a construção histórica do espaço através da eficiente atuação das formações discursivas, reveladoras de relações de poder presentes nas políticas dos espaços que hierarquizavam a relação sertão-litoral no início do Brasil moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, Sertão, Alteridade.

ABSTRACT: This paper attempts to discuss an urban, modern and intellectual speech, through Lourenço Filho's book, written in early twentieth century and led to a geographic and anti-modern "other": the interior of Ceará, represented here by the mystical phenomenon, social and religious, developed around the town of Juazeiro and the personality of Father Cicero. Thus, it can be stated as the central problem of the article the question of otherness, the historical construction of space through the efficient performance of discursive formations, that reveal power relations presents in the spaces' politics that hierarchized the relationship hinterland-coast at the beginning of modern Brazil era.

KEYWORDS: Speech, Wilderness, Otherness.

Introdução

Neste texto quero pensar o sertão, mas não como um *a priori*, um já dado, um espaço naturalizado ou um local-cenário dentro do qual os acontecimentos da história se desenrolam como atores que apenas usam o palco para apresentar a peça. O sertão pensado aqui é vivo, é construído e reconstruído junto a sujeitos sociais autores dos discursos que lhe caracterizam.

Parto da suspeita da existência de uma rachadura espacial entre sertão e cidade. No Brasil do século XXI ainda é possível perceber a divisão do território e da cultura nacional em litoral (ou cidade) e sertão (ou campo). Isso acontece em telenovelas, nos discursos políticos partidários, nos seriados televisivos e em músicas (sertanejas?) reprodutoras de chavões que tentam explicar o sertão, o qual aparece sob o signo de certa naturalidade, sempre oposta a das

¹ Este texto é um desdobramento de pesquisa realizada entre os anos de 2007 e 2009, no curso de mestrado em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com financiamento da CAPES.

idades. Gilmar Arruda inicia seu livro *Cidades e Sertões*² destacando uma reportagem de determinado jornal paulista sobre as eleições municipais de 1996, o qual dizia: “No vale tudo eleitoral, candidatos transformam São Paulo em Sertão”³. Nesta matéria, enfatizavam-se as denúncias de práticas políticas na periferia de São Paulo (cidade concebida como a mais moderna do país) que seriam comuns aos sertões das regiões Nordeste e Norte, apresentadas como atrasadas, em uma contraposição que dividiria a nação colocando de um lado as cidades e de outro os sertões.

Motivado pelos problemas que incidem na polarização cidade-sertão é que lanço um olhar sobre o início do século XX. Nesse período, fortes ideias e formas de representar a região sertaneja eram construídas na capital Fortaleza, a qual vivia o impacto da modernização e, através de suas elites letradas, se esforçava para elaborar uma auto-imagem civilizada e urbana, contraposta à que estes mesmos grupos produziam acerca de Juazeiro, no interior do Ceará, seu reverso controverso.

Compreender os discursos elaborados por essa elite urbana acerca do sertão do Ceará, os quais construíam na capital um imaginário urbano para essas localidades interiores do Estado, nos leva a afirmação de que um dos problemas teóricos centrais para a reflexão deste trabalho é o da produção dos espaços que, para nós, não são dados da natureza, mas elaborações ideológicas, construídas a partir das motivações e de manifestações culturais de sujeitos históricos.

O espaço como categoria se faz presente em diversas áreas do conhecimento e nosso dever aqui será relativizá-la, problematizá-la, colocá-la no rol das coisas forjadas no calor e nos embates da história, daquelas que se constroem pelos homens e mulheres, que são inventadas pelos mesmos. Ao fazermos isso, estaremos retirando essa categoria da companhia de tudo o que é evidente, do que é óbvio, do que sempre esteve lá, do que existe em si como um dado da natureza a ser apenas percebido em sua pureza, retratado em sua existência *a priori*. O espaço que nos propomos pensar é um substantivo de múltiplos significados e possibilidades, irmanado ao tempo, é mais que um ponto de partida para todo e qualquer tipo de história, mas, sobretudo, o próprio caminho construído nela com seus agentes. Pensar o espaço dessa forma é tarefa essencial para este texto que procura enxergar uma das camadas de discurso que constroem o sertão enquanto espacialidade.

O sertão nunca esteve “pronto” ou “sempre lá”, em forma de descrição geográfica e, apesar de existirem climas e relevos diversos em nosso planeta, o que transforma estes locais em regiões são as ações dos homens dentro deles, os embates sociais travados em seu interior, as

² ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões*. Bauru: EDUSC, 2000.

³ _____. *Cidades e Sertões*, p. 13.

coisas que são ditas ao seu respeito e a maneira como os mesmos são subjetivados pelas pessoas, como são sentidos e pensados por uma coletividade. Além disso, as relações espaciais devem ser tomadas como as “relações políticas e os discursos sobre o espaço como discursos da política dos espaços, resgatando para a política e para a História o que nos aparece como natural”⁴. No caso do espaço discutido neste texto, o sertão do Ceará, trata-se de um tipo de invenção discursiva que estamos chamando de reinvenção, pois o início do século XX não foi a inauguração desse termo, e sim um momento especial em que ele foi ressignificado de acordo com os novos paradigmas e sentidos da modernidade.

Duas obras estão sendo importantes para pensarmos a invenção do sertão pelo litoral no Ceará, a primeira delas é *A Invenção do Nordeste e outras artes*, de Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Nela, o autor tenta compreender o processo histórico (recente, a partir de 1910) de construção do Nordeste, no qual discursos e imagens formadas sobre este espaço são discutidos, não no intuito de denunciar/confirmar os estereótipos desta região, mas de perceber porque e com quais interesses estas imagens e estes discursos foram formados, dentro de relações de poder de diferentes grupos sociais que atuam no interior da nação, protagonizando lutas que resultam em recortes espaciais.

Para esse autor, o Nordeste é produto de uma operação que visou inventá-lo de forma homogênea através de discursos, por isso a preocupação em estudar a luta entre os conceitos em torno da ideia de identidade nacional e regional. Estas identidades não são fixas e Albuquerque discute isso utilizando “representações” deste espaço regional em diversas camadas discursivas. Estuda a região na perspectiva de questionar a própria história regional que seria mais uma participante da construção imagético-discursiva do espaço regional.

Por todas essas questões, *A Invenção do Nordeste* se constitui em uma importante referência neste trabalho, na medida em que o livro procura desnaturalizar a região e problematizar sua invenção, buscando sua historicidade no campo das práticas e discursos. Em nosso trabalho, também entendemos que nosso espaço foi inventado em determinado momento histórico e procuramos nos dizeres sobre a religiosidade sertaneja de Juazeiro, discutir a construção do sertão cearense pelo litoral urbanizado de sua capital.

Em outra referência, próxima à reflexão do livro acima destacado, Edward Said pensa na invenção de um espaço: o Oriente, o qual é construído por camadas de discursos produzidos no Ocidente através de uma cultura intelectual entrelaçada por diversos tipos de poderes, os quais possuíam interesses diretos na criação de um campo discursivo capaz de agregar valores e

⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 3. ed. Recife: FJN. Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006, p. 25.

significados úteis no Ocidente a respeito de um Oriente cada vez mais depreciado. No livro *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*⁵, o autor parte de grandes inquietações do presente político para investigar a construção histórica do que ele chama de uma teia de racismo, estereótipos culturais, imperialismo político e ideologia desumanizadora que reprime os árabes ou os muçulmanos.

As fontes utilizadas por Said são textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filológicos que, em seu conjunto, formam uma distribuição de consciência geopolítica chamada de orientalismo, um discurso que divide o mundo em duas regiões, o Oriente e o Ocidente, atuando no cruzamento de diversos poderes como o poder cultural, o intelectual, o linguístico e o moral. A marcante erudição do autor leva-o a analisar não apenas o fato evidente de que, para alguns dos construtores do Orientalismo, o Ocidente era superior ao Oriente, mas as marcas profundamente elaboradas e moduladas de seu trabalho no interior do espaço amplo aberto por essa verdade.

Entre as influências da obra de Edward Said em nosso trabalho há ainda a importante noção de que aqueles escritores que falavam sobre o espaço oriental, ou seja, os orientalistas, estavam fora do Oriente que, portanto, era um espaço construído a partir de discursos acerca do outro, uma alteridade que, para o autor, caracterizava um fato moral e existencial.

A historicidade discursiva do termo *sertão*

Nossos discursos de alteridade eram dirigidos ao espaço sertanejo cearense. É certo que, no imaginário de Fortaleza, o sertão já se fazia presente no período que estamos estudando. Camadas anteriores de discursos já o haviam fundado na memória litorânea. Vários sertões, cada qual filho de seu tempo e ideologicamente ligados ao grupo social que sobre eles elaborava determinado discurso, já tinham sido construídos quando o tempo deu a luz ao século XX, no Estado do Ceará.

Todo discurso remete a outro que lhe é anterior, um já-dito, um conjunto de formulações feitas e que permanecem na ordem do dia, as quais condicionam o que dizemos, sustentando mesmo a possibilidade do dizer.⁶ Por isso é necessário historicizar a configuração do sertão no espaço social brasileiro, apontando para as tradições que carregavam esta palavra para a Fortaleza do vigésimo século.

Segundo Ivone Cordeiro Barbosa, o termo sertão teve seus primeiros registros em Portugal, quando serviu para designar terras distantes de Lisboa. Este sentido se amplia com o

⁵ SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁶ ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Análise de Discurso*. Campinas: Pontes, 2005.

processo de expansão marítima do Império Português e as terras conquistadas pelos portugueses em outros continentes também passam a se chamar sertão.⁷

Ainda seguindo a pesquisa da mesma autora que, na primeira parte de seu livro *Sertão: um lugar incomum*, tenta entender a construção do sertão como resultante de experiências concretas dos homens, chegamos à idéia de fronteira no período colonial. Esta noção seria a principal associação da palavra em questão. No Brasil colônia, não se sabia ao certo onde terminava o mundo português e onde iniciava o mundo espanhol na América, o que provocava uma indecisão que empurrava pessoas para um sertão obscuro e incerto quanto às suas fronteiras, sempre inseguras e flexíveis no que dizia respeito a sua legalidade e ilegalidade. O termo, no período, conquista a conotação de limite entre o permitido e o não permitido, o conhecido e o desconhecido. O sertão, nesse caso, passava a ser esta linha simbólica representante de um espaço fronteiro.

Outros significados para o termo sertão passam a se desenvolver no Brasil. Um deles é o de espaços vastos, vazios ou pouco habitados, desconhecidos, inacessíveis, não-civilizados devido à ausência dos súditos do Rei. Dessa maneira,

O litoral é o lugar da colonização e do colonizador, o lugar do poder, onde se instalam aqueles que se apropriam das terras (inclusive as do sertão) por doação do rei de Portugal. O sertão é o lugar das gerais, das terras de ninguém; é inculto por não ser cultivado, mas também por ser o lugar dos animais, dos homens de segunda classe, dos índios bárbaros e selvagens e de negros rebeldes, em fim dos “sem poder. É também o lugar do desconhecido, da permanência, do exótico, do mágico, das “drogas de minas”. O sertão é o espaço da exclusão.⁸

No início do vigésimo século, período em que várias cidades vivem o surto da urbanização, outras representações dicotômicas relacionadas a esta de litoral como centro de poder e sertão como espaço de exclusão reforçam a explicação da sociedade brasileira a partir de pares opostos. Para Gilmar Arruda, algumas importantes dicotomias como moderno/arcaico ou progresso/atraso, marcavam a divisão do espaço sublinhando as características que se atribuíam ao sertão e, dentro deste processo, o espaço sertanejo assume a condição de contraponto das cidades modernas recebendo novos contornos no seu desenho espacial.⁹

A partir de uma carga histórica a transportar diversos significados da palavra sertão, reafirmamos que a significação por nós procurada foi construída por alguns letrados de Fortaleza (ou a eles ligados), no período de urbanização e modernização desta cidade, de onde o sertão era

⁷ BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: Um Lugar Incomum*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.

⁸ _____. *Sertão: Um Lugar Incomum*, p. 36.

⁹ A esse respeito, ver: ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões*, p.14.

olhado sob um ponto de vista de superioridade e reconstruído para e com um imaginário na cidade.¹⁰

É importante observar que, a própria palavra sertão, possivelmente, já era própria de um imaginário social urbano no início do século XX, porém, é na especificidade deste período que ela passa a agregar novos sentidos construídos por discursos próprios de um novo tempo e espaço: o moderno e o urbano. As interpretações advindas de sujeitos ligados à ideia de cidade civilizada para o sertão lhes ressignificava de tal forma que, em grande medida, esta camada discursiva, própria daquele momento, pode ser responsável pela ideia clássica, contemporânea, a respeito do sertão nordestino.

Essa ideia vitoriosa do que seria o sertão, na cidade, nos leva a eleger como um ponto relevante para nosso problema, a atual definição presente em um imaginário hodierno acerca da região. Atualmente, a articulação mais imediata da palavra sertão provavelmente é aquela que se refere a um determinado espaço geográfico distante do litoral e pertencente ao interior. Culturalmente o vocábulo evoca um espaço de tradições e costumes antigos, sendo este o significado a ele atribuído pelo atual dicionário Aurélio, onde os verbetes sertão e sertanejo aparecem com as seguintes definições:

Sertão: 1. Região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas. 2. Terreno coberto de mato, longe do litoral. 3. Interior pouco povoado. 4. Bras. Zona pouco povoada do interior do país, em especial do interior semiárido da parte norte ocidental, mais seca do que a caatinga, onde a criação do gado prevalece sobre a agricultura e onde perduram tradições e costumes antigos [...].¹¹

Para o termo sertanejo a definição é: “Sertanejo: 1. Do sertão. 2. Que habita o sertão. 3. Rústico, agreste e rude [...]”¹².

Ao destacarmos a definição de um dicionário acerca de nosso objeto, continuamos pautados no livro de Ivone Cordeiro Barbosa, e tomamos a definição também como discurso de uma época, sabendo que não cabe a esta enciclopédia de vocábulos compreender o processo de formação (sempre histórico) dos sentidos e significados das palavras, mas as maneiras clássicas pelas quais são identificadas no período em que o dicionário é escrito e circula em determinada sociedade.

¹⁰ A propósito desse conceito, utilizo o termo imaginário, não no sentido de uma faculdade produtora de ilusões, sonhos e símbolos. Neste trabalho, destacamos o fato de que qualquer poder, inclusive o político, está cercado de representações coletivas e, “para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico” (BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social”. In: ROMANO, Ruggiero (org.) *Enciclopédia Einaudi*. Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 5, 1985).

¹¹ SERTÃO. In: FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa*. São Paulo. Folha de São Paulo, 1995, p. 1577.

¹² SERTANEJO. In: FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa*, p. 1577.

Nesse sentido, destacamos esta definição de sertão e, a partir dela, tomamos não apenas o aspecto preconceituoso no qual poderíamos inicialmente perguntar: “rude e rústico para quem?”, como também duas outras questões importantes para nossa reflexão e, em última análise, para qualquer trabalho historiográfico. A primeira delas diz respeito ao espaço, pois o próprio conceito de sertão dependeria do litoral para existir (afinal é a região “distante do litoral”); a segunda diz respeito ao tempo, pois lá seria o lugar das “tradições e costumes antigos”; o que pressupõe para o litoral uma essência ligada à dinamicidade dos tempos, às transformações dos hábitos e costumes e à determinada ideia de atual ou moderno.

A partir dessa definição formal do Dicionário Aurélio, torna-se possível visualizar um imaginário acerca do sertão vivente na cultura urbana e que nos parece encontrar, no início do século XX, um momento essencial para sua formulação. Neste imaginário, o sertão se constitui naquele espaço composto por um conjunto de características físico-culturais, uma vez que a expressão “longe do litoral” pode ser interpretada de diversas formas. Certamente, um lugar de modos rudes não é apenas quilometricamente distante do litoral, mas longe deste nos hábitos, nas edificações, nos avanços tecnológicos e na cosmovisão trazidos pela ideologia da civilização moderna.

Um dicionário, ao apresentar uma definição de sertão na qual a rusticidade, o atraso, a cultura arcaica e a pobreza (me refiro ao significado “terras não cultiváveis”) se fazem presentes, acaba congelando, em uma espécie de página oficial, um sentido construído historicamente por sujeitos que viveram em uma época e que se lançaram no trabalho desta construção movidos por necessidades ideológicas, culturais e desejos políticos. Tal definição seria a comprovação de que estes atores sociais foram bem sucedidos na tarefa de construir o sertão enquanto categoria espacial, de certa forma, inferiorizada quando comparada ao litoral. A este respeito Janaína Amado pensa que:

No conjunto da história do Brasil, em termos de senso comum, pensamento social e imaginário, poucas categorias tem sido tão importantes para designar uma ou mais regiões, quanto a de “sertão”. Conhecido desde antes da chegada dos portugueses, cinco séculos depois “sertão” permanece vivo no pensamento e no cotidiano do Brasil, materializando-se de norte a sul do país como sua mais relevante categoria espacial: entre os nordestinos, é tão crucial, tão preta de significados, que, sem ele, a própria noção de “Nordeste” se esvazia, carente de um de seus referências essenciais. [...] “Sertão” é, também, uma referência institucionalizada sobre o espaço no Brasil: segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), designa oficialmente uma das subáreas nordestinas, árida e pobre, situada a oeste das duas outras, a saber: “agreste” e “zona da mata”.¹³

¹³ AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 5, p. 145-151, 1995. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/169.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

A propósito da definição do IBGE trazida por Janaína Amado, é interessante observar sua aproximação com a apresentada por Aurélio na medida em que o sertão é relacionado à pobreza. Dessa maneira, o espaço sertanejo, por natureza, é destacado como uma região aberta para a intervenção litorânea, uma vez que é carente. A civilização litorânea, portanto, teria por direito interferir politicamente no sertão ou ocupá-lo simbolicamente, de modo a desenvolvê-lo e corrigi-lo.

Inquieta-nos, portanto, o questionamento: em que período histórico essa ideia litorânea de sertão como algo distante não só no espaço como atrasado no tempo toma sua forma? Quando e como o sertão passa a ser compreendido no litoral como um lugar atrasado e oposto a valores modernos e a formas de vida modernas? No intuito de discutir tais questões, passamos a análise de um importante livro escrito nas primeiras décadas do século XX e que nos auxilia em um estudo de caso fazendo um recorte espacial mais específico: o sertão do Ceará.

A cidade moderna e o sertão fanático

*Juazeiro do Padre Cícero: Scenas e quadros do fanatismo no Nordeste*¹⁴, foi publicado em setembro de 1926 com uma expressiva tiragem de três mil exemplares, sendo premiado pela Academia Brasileira de Letras em 1927 e reeditado em 1929 com dois mil e duzentos exemplares, ganhando ainda uma terceira edição em 1959 e quarta em 2002. Este livro conquistou uma importante repercussão, sendo discutido por intelectuais e outros escritores em um momento em que o país passava por um esforço de reflexão e quando os homens de letras se imbuíam da missão política de revelar uma nação.¹⁵ Portanto, foi dentro de um ambiente fértil que as observações do autor Lourenço Filho acerca de uma região sertaneja distante, no Ceará, caíram como uma semente que logo germinou atraindo atenção de pensadores em âmbito nacional.

A clara divisão do território em dois mundos distintos, o sertão e as modernas cidades, começa a ser percebida quando o autor, que escreve o livro como fruto de uma viagem que fez a Juazeiro, durante sua permanência em Fortaleza por quase dois anos no início da década de vinte¹⁶, descreve sua visão acerca do afastamento entre a civilização do litoral e os povos sertanejos. A impressão do viajante quando entra nos interiores do Nordeste é de que a vida desanda, recua no tempo.

¹⁴ LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. *Juazeiro do Padre Cícero: Scenas e quadros do fanatismo no Nordeste*. 4. ed. Brasília: Inep/Mec, 2002.

¹⁵ Sobre a ampla repercussão do livro, ver o prefácio da quarta edição escrito por Carlos Monarcha e Ruy Lourenço Filho, biógrafos do autor.

¹⁶ MONARCHA, Carlos e FILHO, Ruy Lourenço. *Por Lourenço Filho: Uma biobibliografia*. In: LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. *Juazeiro do Padre Cícero...*, p. 28-29.

A luz elétrica torna-se gás acetileno; depois, lampião belga; em seguida, candeeiro; mais tarde, candeia de óleo de mamona [...] Os muros se tornam sucessivamente cercas de arame, divisões de varas pacientemente trançadas, valados singelos, desaparecendo por fim, de todo, para deixar em comum valados e serras. É o “mundo velho sem tranqueira” [...] Aí, o sistema tributário chega ao imposto do dízimo in natura; a medicina, ao “chá de pinto”; a linguagem sustenta formas quinhentistas e denominações tapuias das raças primitivas. Raro nessas alturas, o estrangeiro é chamado ainda, colonialmente, de “marinheiro”; a capital assinala com o nome de origem, o “Forte”. O diabo é o “cão” ou o “capiroto”; [...]Mil reminiscências, que marcam, pela constância, como que estranha parada no tempo.¹⁷

Podemos dizer que é de dentro de uma configuração histórica “moderna” que Lourenço Filho lança seu olhar sob a travessia que percorre do litoral ao sertão, do mundo “moderno” ao “mundo velho sem tranqueira”. Boa parte das transformações científico-tecnológicas que revolucionaram os países mais desenvolvidos da Europa e os Estados Unidos começavam alcançar as principais cidades brasileiras no momento em que o autor escreve estas linhas. Todavia, é importante destacar que, volumosa faixa populacional da Fortaleza que encantou Lourenço Filho não gozava das benesses modernas e vivia de modo semelhante às populações do sertão que, para o autor, permaneciam no atraso. A lamparina, os abarracamentos e os velhos hábitos de higiene presentes no espaço sertanejo também existiam na capital que, através do projeto de reformas urbanas, acabou redesenhando suas segregações sociais, isolando e escondendo a resistente pobreza local.

220

Entre eventos da modernidade, podem ser citados os veículos automotores, os telégrafos, telefones e eletrodomésticos, a fotografia, o cinema, o raio X, as seringas hipodérmicas, a anestesia, os vasos sanitários com descarga automática e o papel higiênico, a escova de dentes, o sabão em pó, a caixa registradora e a iluminação elétrica. Estes são alguns dos desdobramentos trazidos pela revolução do final do século XIX.¹⁸ Todas estas novidades inauguraram profunda mudança na forma de ver as coisas, de usar objetos ou na velocidade de vivenciar os acontecimentos. As inovações tecnológicas do período representavam um elo entre a Europa civilizada e o discurso das elites na Fortaleza do século XX, de onde Lourenço Filho saiu, iluminado pela luz elétrica, em direção ao Juazeiro das candeias.

Quanto mais se distanciava da eletricidade e ia adentrando o interior do Estado, Lourenço Filho entende se afastar da civilização em uma espécie de máquina do tempo, na qual o autor vai retroagindo no relógio da história, de onde parte do progresso em direção ao atraso. Do veloz rumo ao lento. Do moderno para o arcaico. Do dividido e organizado em direção ao aberto. Do culto ao tosco. Do são ao doente.

¹⁷ LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. *Juazeiro do Padre Cícero...*, p. 33.

¹⁸ SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: *História da Vida Privada no Brasil*, v. 3. São Paulo, Cia das Letras, 2006.

Quando sai do litoral sadio rumo ao interior enfermo, o viajante denuncia que a medicina litorânea, no sertão, transformara-se em “chá de pinto”. Tal banalização dos saberes populares se dava em um momento em que o discurso da medicina social conquistava força e que as principais cidades do país sofriam modificações urbanas a partir das idéias de disciplinarização e higienização do espaço.

Nesse período, a medicina se colocava como instrumento de modernização brasileira através de várias ações intervencionistas que iam desde o alargamento das ruas e realocação de famílias moradoras de áreas insalubres até a mudança de hábitos na vida privada dos cidadãos como a fervura da água ou escovação dos dentes, em determinadas cidades. O discurso médico se arrogava detentor da verdade, uma vez que representava o científico e, na medida em que os diplomas passavam a ser entregues nas universidades, desqualificava-se a figura do rezador e do curandeiro, contra as quais pesavam as acusações de superstição e ignorância.

Em Fortaleza, o campo de atuação médica se ampliava sobremaneira e conquistava cada vez mais força. Segundo Sebastião Rogério Ponte, ainda no século XIX, oitenta médicos cearenses foram diplomados nas faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro e, destes, trinta voltaram à capital para se empenhar no trabalho que lhes rendeu o status de heróis na historiografia médica local da época.¹⁹

Exemplificando essa atuação médica, Castro Carreira é apresentado como um destes doutores. Nomeado “médico da pobreza”, em meados do século XIX, se preocupou com medidas profiláticas na água, nas ruas e até mesmo na atmosfera de Fortaleza. Denunciou o costume de jogar ou enterrar lixo e detritos nas ruas e quintais residenciais, recomendou a limpeza das ruas, chafarizes e poços, exigia o arejamento e limpeza de armazéns de couro, peixe e carne.

No Código de Postura de 1865, as medidas disciplinadoras da cultura, da circulação e da espacialidade urbana chegavam a ameaçar com multas os proprietários de boticas que não tivessem licença ou que vendessem medicamentos não autorizados para combater o “charlatanismo” no âmbito da cura.

O conjunto de intervenções médicas na cidade, através do poder público, foi grande no final do século XIX e início do XX. Quando o paulista Lourenço Filho veio morar em Fortaleza, em 1922, encontrou uma cidade afetada pelo discurso médico e “quis enxergar” a porção da

¹⁹ PONTE, Sebastião R. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. 2. ed. Fortaleza-CE: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

cidade que se antenava com seus pares europeus, modelos de civilização que serviam de referência para a capital litorânea.

Quando o autor, com ares de denúncia, exclama que no interior a medicina se transformava em “chá de pinto”, evidencia uma relação com determinada formação discursiva que desde o período da campanha republicana buscou pelos parâmetros técnico-civilizatórios europeus que incluíam, de maneira essencial, o cientificismo do qual, no Brasil, os intelectuais urbanos eram porta-vozes. A partir do interior desta intelectualidade urbana que se ancorava, também, no positivismo e no evolucionismo, notamos o discurso de Lourenço Filho acerca do sertão do Ceará, espaço antagônico aos contornos da modernidade que davam forma a Fortaleza.

Partindo dessa formação discursiva, o autor vive sua expedição rumo ao sertão como uma viagem no tempo na qual, após retroceder diversas gerações, em um processo paulatino, que tem nas inovações tecnológicas, científicas e culturais, (além das atualizações da própria língua portuguesa) os seus marcos cronológicos, estaciona no espaço do arcaico e do imóvel. A passagem do tempo não teria conseguido mover o estático sertão cearense, atrasado, preso em si mesmo, resistente ao moderno e ao processo civilizador que era considerado a “marcha da história”.

222

Esse atraso se manifestaria no aspecto das vilas e cidades, no povo, nas habitações, no transporte, nas manifestações sociais e políticas, nos modos de falar e vestir e, é claro, na religião, tema principal do livro. A seu respeito, algumas palavras e expressões são reveladoras de um modo urbano de enxergar a religiosidade sertaneja que, na ótica de grupos consumidores de um dado saber científico, ligava-se mesmo à doença psíquica e ao atraso. Entre estas palavras, a mais recorrente é “fanatismo”.

O fanatismo era apresentado por Lourenço Filho como um grave sintoma de atraso do sertão que resistia em descompasso à ideia de nação pensada por políticos, intelectuais, pedagogos e cientistas da época.

A variedade da simbolização mal resume os graus da estreita mentalidade dos seus autores, submetida à mesma superstição grosseira, ao mesmo fanatismo cego e doentio, que aí ressurgem numa dolorosa expressão de atraso.²⁰

A explosão religiosa que modifica a vida da, até então, Vila do Tabuleiro (somente após a conquista da condição de município a cidade passa a se chamar Juazeiro) consistiu no fato de uma hóstia ter, supostamente, transformado-se em sangue na boca de uma beata quando Padre Cícero celebrava a eucaristia. Isso ocorreu em 1889, a notícia rapidamente se espalhou e, mesmo apesar dos pedidos do sacerdote para que o povo fosse discreto, chegou até São Paulo. Uma

²⁰ LOURENÇO FILHO. Manuel Bergström. *Juazeiro do Padre Cícero...*, p. 33.

comissão foi mandada pela diocese, a pedido do próprio padre, para investigar o caso e seu parecer dizia que o ocorrido não se explicava de maneira natural, restando apenas a hipótese de que sua autoria fosse divina. Nova comissão foi enviada, desta vez, concluindo que o fenômeno tratava-se de uma farsa. Após este desfecho, o bispo Dom Joaquim mandou enclausurar a beata e suspendeu as ordens sacerdotais de Padre Cícero.

A sucessão de acontecimentos envolvendo a figura do Padre e a hierarquia católica que, até hoje, desconsidera a santificação de Cícero confirmada pelo povo da região, é extensa. Contudo, após a primeira polêmica da hóstia e da beata, o número de casos ou estórias contadas pelos populares sertanejos sobre milagres e acontecimentos sobrenaturais envolvendo a Padre Cícero não parou de crescer, o que, aos poucos, foi elevando a condição da vila, um entreposto comercial subordinado à cidade do Crato, a um protagonismo na região que dura até os dias de hoje, em virtude da cena religiosa com suas romarias e diversos eventos.

Para Lourenço Filho, aqueles sertanejos, por serem capazes de crer que uma hóstia na boca de determinada beata tornara-se sangue e que santo era o Padre através do qual tal milagre se fizera, eram tidos por seres de “estreita mentalidade”, sujeitos de um mundo mental antiquado, pois, nele, não se fizera presente a ciência, a razão e a modernidade. Com estes valores rabiscava-se, por dedução, o desenho de uma fisionomia para o ser urbano de Fortaleza no início do século XX, em contraposição ao perfil do ser sertanejo.

Naquelas circunstâncias, o habitante da capital era visto por Lourenço Filho (que nada falou sobre os focos de pobreza existentes em Fortaleza) como sujeito afinado com a modernização e integrado ao ideal de nação, o oposto do devoto sertanejo, o qual pertencia a comunidades primitivas que congelavam o sertão no tempo, impedindo-o de acompanhar a pretensa homogeneidade nacional.

Sobre a capital do Ceará, a impressão deixada no psicólogo e educador paulista compõe o antagonismo que no período se colocava entre a cidade e o sertão cearense. Fortaleza é descrita como formosa e viva, acompanhando a “estonteante modernidade das civilizações do litoral”.

A capital cearense é hoje uma cidade moderna, comparável por muitos aspectos a qualquer das melhores do País, desde o excelente traçado das ruas e bulevares até a viação urbana, as casas de educação e assistência, os templos, os teatros, os jornais, os jardins, a vida social e política.²¹

A Fortaleza que causara tamanha impressão em Lourenço Filho, vivia sua *Belle Époque* entre os anos de 1860 e 1930. Durante este período novos prédios foram construídos, um novo traçado urbano foi aplicado à cidade por Adolfo Herbster (1875), arquiteto pernambucano que

²¹ LOURENÇO FILHO. Manuel Bergström. *Juaçeiro do Padre Cícero...*, p. 27.

ampliou a planta em xadrez construída por Silva Paulet (1823). Também foram realizadas reformas de ‘regeneração’ das praças, não só para o aformoseamento como para a aplicação de novas regras de utilização do espaço público. Os meios de comunicação, a partir dos anos 80 do século XIX, sofreram atualizações com a chegada do serviço telefônico e caixas postais. Os bondes, o telégrafo, o passeio público, a reforma da Praça do Ferreira na década de 20, o novo porto, a fábrica de tecidos, a construção do Asilo de alienados e do Asilo de mendicidade, a campanha de casamento de amasiados, os melhoramentos da cadeia pública... Todas estas transformações na cidade causavam certo encanto nas elites locais que, entusiasmadas com a chegada das novidades, ocultavam a presença da pobreza em seus discursos, assim como a permanência de hábitos antigos e costumes tradicionais na grande faixa da população que não gozava dos benefícios dos novos tempos.

Contrastando com a moderna Fortaleza, a qual parecia desenvolver-se no compasso da idéia de nação, o reformador educacional do Ceará se depara com a distante Juazeiro. A Meca do Cariri lhe parecia descansar em tempos primitivos e caducos, mas não pela enorme distância do litoral em si, e nem mesmo pelas secas que na virada do século XIX para o XX passam à utilização de elites nacionais que as remodelavam em forma de um discurso que inventa o Nordeste como região vítima de seu flagelo²². Em Lourenço Filho, a responsável pelo atraso do sertão nordestino parecia ser de fato, a religião. A respeito da então pequena cidade sertaneja e de seus habitantes, assim se refere o autor:

[...] um estranho aglomerado humano: o Juazeiro, do padre Cícero. Como que todo o atraso dos sertões aí se condensou, para condicionar maior retrocesso e estabelecer condições propícias de desajustamentos, em que repontam mentalidades atrasadas por séculos. Havemos de fixar algumas das impressões dessa famosa Meca sertaneja – arraial e feira, antro e oficina, centro de orações e hospício enorme [...].²³

“Religiosidade de loucos”, “cidade de fanáticos” e “grande hospício”. Dentro do universo de um homem de ciência dos anos vinte - pedagogo ligado ao movimento que agitava a educação brasileira propondo um ensino mais moderno, democrático e científico, psicólogo identificado com as escolas norte-americanas influenciadas pelo princípio da determinação biológica - a fé, tal qual experimentada pelos devotos de Juazeiro, era sintoma de doença psíquica e desafinava com a nação saudável, moderna e bem educada que precisava, naquele instante, romper com o passado.

²² Para melhor compreensão sobre a utilização do tema da seca no discurso dos representantes políticos do Norte, criando “quadros de horrores” na composição da imagem de uma região abandonada pelos poderes públicos, ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste...*, p. 58-59.

²³ LOURENÇO FILHO. Manuel Bergström. *Juazeiro do Padre Cícero...*, p. 29.

A ruptura com os hábitos sertanejos considerados antigos pelas elites do litoral, também com os costumes que, naquele instante, eram tidos por arcaicos e com a religiosidade daqueles a quem Lourenço Filho chamava de Fanáticos era uma condição inexorável de uma faixa social que se considerava esclarecida e consumia teorias sociais européias marcadas pelo cientificismo. A propósito, um dos grandes problemas do sertão seria a ausência da própria ciência, única capaz de diagnosticar a realidade daquela região que, para o psicólogo Lourenço Filho, não passava de um enorme hospício a abrigar grande número de paranóicos.

É realmente impressionante a identidade entre os elementos do delírio paranóico e os das aberrações individuais e coletivas, de que está pontilhado o caminho da história e que, ainda hoje, se repetem entre os selvagens e os civilizados. [...] Os paranóicos são formalmente os místicos do vulgo e dos selvagens; na realidade são, porém, mais místicos do que aqueles que o cercam, porque muitas vezes o seu misticismo nasce, desenvolve-se e persiste, a despeito da oposição ambiente... sobre o que parece não haver dúvida é em serem as manifestações do misticismo paranóico inteiramente semelhantes à da tendência mística do homem primitivo: O ardor fanático do paranóico é uma explosão audaz, violenta, individual, duma mentalidade retrógrada e anti-social.²⁴

Neste trecho, o autor apresenta um quadro muito exemplar do discurso que representava quando se refere ao sertanejo de Juazeiro como “paranóico”, “místico” e ao misticismo como sendo um sinal de “primitivismo”. Entendemos aí que, para cada termo representante dos referenciais teóricos de Lourenço Filho, exista um contraponto, como no caso da expressão “paranóico”. Para o psicólogo, a paranóia era uma doença que indicava a ausência da medicina (tão presente na capital) naquela região.

Semelhante ao caso da palavra “paranóico”, o contraponto da palavra “místico” seria a ciência, capaz de iluminar a ignorância dos sertanejos “fanáticos” levando-os ao progresso, claramente ausente do sertão que, segundo o autor, devido à forte presença do misticismo, era uma região “primitiva”, expressão esta que, por sua vez, compunha o antagonismo com a palavra civilização.

É possível perceber então, a formação das dicotomias paranóia/medicina (ou doença e sanidade), misticismo/ciência e primitivismo/civilização (ou progresso). Estas polarizações de opostos simplificavam-se nas “ideias força” que faziam parte de um projeto de nação, o qual tentava atualizar o Brasil tomando por base os discursos assentados nas oposições entre Civilização e Barbárie, Progresso e Atraso.

Essa atualização do espaço nacional contava com as representações e discursos produzidos sobre o sertão para alavancar as ideologias de civilização e progresso. Nesse processo, estudado por Gilmar Arruda, os discursos produzidos sobre os “terrenos desconhecidos”,

²⁴ LOURENÇO FILHO. Manuel Bergström. *Juazeiro do Padre Cícero...*, p. 46.

legitimavam o mapeamento e a transformação do espaço que agregava representações sobre a palavra sertão.²⁵

Dentro das oposições entre civilização e barbárie ou progresso e atraso, a denúncia de Lourenço Filho de que a população mística de Juazeiro sofria de paranóia evidenciava o poder do discurso científico, dentro do qual o psicólogo se aproximava da medicina para evocar o saber que “curava” a população urbana de Fortaleza de seus maus hábitos e costumes. Este saber legitimava o diagnóstico que rotulava a população juazeirense de paranóica colocando a religiosidade popular em evidência.

É interessante notar que, quando o autor afirma serem os paranóicos os místicos do vulgo e do selvagem, a palavra “vulgo” passa a acrescentar outro elemento à explicação das causas da paranóia e do misticismo, seria ele a própria condição socialmente pobre de um povo que habitava a outra margem de um mundo que o autor parecia dividir entre “o selvagem e o civilizado”. O paranóico, com todo o seu ardor fanático, seria inerente ao povo, aos pobres habitantes do sertão. Portanto, para Lourenço Filho, a pobreza seria uma das condições cenográficas que faziam emergir no “palco” do sertão os delírios da população local.

Paranóia e misticismo, elementos que se uniam pelo elo da pobreza, faziam parte de uma mesma realidade diagnóstica dentro da qual a busca pela superação das dificuldades através de uma experiência religiosa independente da razão era tida, imediatamente, por loucura ou doença mental. Estas ideias de religiosidade doentia ligadas ao atraso do sertão cearense perpassam todo o restante da obra, da qual a percepção de algumas palavras, reforçam nossa impressão de que a formação de um discurso atuava na construção de um “outro” lugar e de uma outra identidade a confirmar o que era ser urbano, moderno e pertencente à nação.

Termos como “fanatismo” “inferioridade de consciência”, “(a)normalidade”, “malucos”, “alucinados”, “paranóicos”, “místicos” e “atraso” sinalizam a existência de um núcleo discursivo o qual, em conjunto com os meios intelectuais, políticos e científicos, formava um campo discursivo que parecia entender por religião: misticismo e, por misticismo: paranóia e loucura. Todos estes responsáveis pelo atraso e pela falta de integração nacional.

O conceito de fanatismo estava presente nos diversos pares discursivos que cercavam a obra de Lourenço Filho. Em artigo do jornal *O Cearense*, escrito em 1926, ao escrever sobre uma possível reaproximação de padre Cícero com a Igreja Católica, o autor (anônimo) do texto afirma que: “A Igreja hostilizava abertamente o sacerdote joazeirense. O Nordeste, que é seu órgão na

²⁵ ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões*, p. 21.

imprensa, fez campanha contra o fanatismo”.²⁶ Após continuar o texto escrevendo sobre a fortuna que Padre Cícero supostamente pensava em deixar para a Igreja, o autor conclui que: “O que pode acontecer é que a Igreja não queira entrar na posse do dinheiro do honrado sacerdote por ter tido sua origem em um fanatismo que O Nordeste durante muito tempo condenou valentemente”²⁷.

Outro importante autor contemporâneo de Lourenço Filho, Rodolfo Teófilo, dentro do livro *A sedição do Joazeiro*, publicado em 1922, ao escrever a respeito de padre Cícero, se refere a ele como um “psicopata que desde a época do seminário em Fortaleza havia se revelado um doente”²⁸. À cidade de Juazeiro, Teófilo se refere como “terra dominada pelo mais grosseiro fanatismo”²⁹, “valhacouto de fanáticos e facínoras”³⁰. Aos que lutaram nas milícias da Sedição de Juazeiro, e que foram chamados pelo *Jornal Unitário* de “libertadores do Ceará”, nosso autor chamou de “bandidos”³¹.

Os homens da milícia governista, vindos em sua maioria da região do Cariri, eram chamados por Teófilo de “gente supersticiosa e ignorante”³² que, por originarem-se daquele sertão que tinha o padre Cícero por santo, não poderia compor as forças legais e seriam incapazes de invadir Juazeiro.

Os termos fortes para se referir à religiosidade sertaneja, usados tanto por Lourenço Filho quanto por Rodolfo Teófilo, indicam o desejo de construir uma grande diferença entre o sertão e a proposta civilizadora e modernizadora que remodelava a cidade de Fortaleza em seu traçado urbano, nos hábitos de lazer e higiene, na cultura e no consumo dos cidadãos de classe média.

Considerações finais

Os discursos movimentam a história, atravessam e são atravessados pelo tempo, criam significados para acontecimentos que conquistam novos sentidos, cristalizam conceitos, pré-conceitos, estereótipos, atuando na ordenação do mundo com suas coisas, com seus espaços. Compreender o poder e a maneira de atuação do discurso é pensar, também, a construção do próprio sentido. O que existe está à espera de um sentido, o qual faz daquilo que existe algo

²⁶ Editorial. *O Cearense*, Fortaleza, p. 2, set. 1926.

²⁷ Editorial. *O Cearense*, Fortaleza, p. 2, set. 1926.

²⁸ TEÓFILO, Rodolfo. *A Sedição do Joazeiro*. *Revista do Brasil*, São Paulo, p. 32, 1922.

²⁹ _____. *A Sedição do Joazeiro*, p. 29.

³⁰ _____. *A Sedição do Joazeiro*, p. 32.

³¹ _____. *A Sedição do Joazeiro*, p. 64.

³² _____. *A Sedição do Joazeiro*, p. 46.

existente, e isso só é possível através da linguagem, é ela que faz nascer a vida fecundada e o próprio espaço.

Neste texto, procurou-se, a partir de um recorte específico que foi o sertão do Ceará, discutir a idéia de sertão como uma criação, uma constante elaboração discursiva que parte, muitas vezes, de um litoral que, para se construir enquanto espaço de poder, constrói sobre o outro, discursos de inferiorização, a partir dos quais as identidades não estão desde o início asseguradas e preservadas, ao contrário, vão se refazendo em meio a essas alteridades.

Procurou-se argumentar que o discurso de um sertão fanático e atrasado era poderoso para ressignificar aquele espaço, já existente no imaginário das cidades, mas que adquiria novos sentidos nos dizeres que partiam da modernidade.

Através do estudo de uma formação discursiva que reinventava o sertão a partir da cidade moderna, gostaria, também, de provocar uma reflexão sobre a maneira como um tipo de preconceito se desenvolve dentro de determinadas sociedades: o preconceito espacial, construído mediante um discurso sobre o outro que, muitas vezes assume a função de estabelecer formas identitárias ao grupo que, através da inferiorização do “espaço alheio” vai erguendo sua hegemonia cultural e política.

Trata-se de um modo de controle, inventar um espaço na medida em que se deseja possuí-lo através da afirmação de uma cultura superior e da legitimação de uma ocupação simbólica, muitas vezes realizada mediante a atuação do próprio Estado que, ao se fazer presente naquele território, finca a bandeira de um espaço dominante no solo de um “outro”, inventado para ser possuído e, também, para que os vitoriosos se ergam na medida em que se formula a crença de que sua identidade existe e é superior.

Recebido: 14/05/2012
Aprovado: 28/06/2012